

O ESPOZENDENSE

Semanário republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, autor e propriet. — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Eiras. — Editor — José da Silva Vieira Junior Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha \$3000 rs. — Com esta estampilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DO PORTO

Espozende deve fazer-se representar nesse grande certame.

Todos, mais ou menos, tiveram conhecimento do successo deslumbrante, do êxito colossal que logrou a grande Exposição Industrial de Lisboa, há poucos meses encerrada.

Essa exposição proporcionou surpresas agradáveis, verdadeiras revelações de todos aqueles que desconheciam o progresso e o desenvolvimento, aliados á perfeição, da industria nacional.

Provou-se ali e todos plenamente ficaram convencidos e se certificaram de que as diversas e variadas manufacturas portuguezas, sob os seus múltiplos aspectos, rivalisam devéras e poderosamente com as estrangeiras.

O comércio de Lisboa e toda a sua população auferiram enormes vantagens, lucraram imenso com esse certame industrial que durante meses chamou e atraiu uma concorrência extraordinária aos seus stands, proporcionando-lhes movimento, vida, negocio.

E tanto isto foi verdade, que o Porto, a segunda capital, a operosa e activa cidade, pensou logo em seguir o exemplo de Lisboa e dos industriais do Sul.

Pensou logo em realizar também, este anno, uma exposição, e está trabalhando afanosamente, entusiasticamente para a levar a cabo nos proximos meses de Junho e Julho, nas amplas e magestosas galerias do Palácio de Cristal.

Esse grandioso certame deve resultar igualmente magnifico, pelo que constituirá de afirmativo e como demonstração das riquezas industriais, naturais e artisticas de toda a região do Norte, da nossa rica e fértil região.

A Exposição Industrial do Norte de Portugal promete, pois, revestir um cunho devéras grandioso, e decerto se converterá em uteis e fecundantes resulta-

SEXAGENARIOS

(Ao ALVARO PINHEIRO, rapaz dos tempos idos, mimoso poeta, intelligência cultissima, querido e saudoso companheiro de há 50 anos.

«João do Minho»!... belo moço dos tempos que lá vão,
De ti me lembro com saudades bem sentidas;
Estamos velhos, é certo, mas o nosso coração
Pulsa ainda d'ateições nunca esquecidas.

Tu e eu, todos nós, há muitos annos,
Partimos, mundo em fóra, em trágica lufada;
A buscar, Alvaro amigo, tantos desenganos,
Que topámos no final da CAMINHADA.

Tão novos, tão activos, tão cheios de vigôr,
Caminhamos ao acaso, como os velhos legionários
Embrenhados em luctas travadas com ardôr.

Doutras eras, restam só poemas legendários,
Que hõje nos recordam, confrangidos de DOR,
Ao entrarmos no número dos SEXAGENÁRIOS!

1933.

M. V.

dos.

É affirmar todas as condições de vitalidade e progresso que existem no Norte.

As provincias nortenhas concorrerão ali com os productos da sua arte, da sua industria e da sua agricultura.

É preciso que Espozende se faça representar também. No seu concelho abundam manufacturas interessantes, dignas de figurar na monumental Exposição.

As esteiras, os capachos e as pás, de Forjães; as cadeiras e os colchões ou enxergas, da Apulia; o cordeame de Fao e outras industrias propriamente nossas, constituirão a melhor propaganda do que por cá temos, e nelas se fará realçar o seu progresso e evidenciarão os seus elementos de vitalidade e as suas especialidades no ramo industrial.

Trabalhos tipograficos em todos os géneros — executam-se na tipografia deste jornal, aos melhores preços e sem competencia

Quem preferir a nossa tipografia, além de ficar bem servido, economisa muito dinheiro.

OUTRA EPOPEIA

Um affectuoso amigo meu sugeriu-me a ideia de colaborar num conceituado semanário do sul, jornal novo que, por ser defensor da situação, se apresenta muito bem escrito e belamente cuidado na sua parte gráfica.

Eu anuiria a tal convite, se m'ò permitisse a sua illustre redacção. Não era, porém, para expôr assuntos que as minhas exigencias tenderiam a levar-as á repressão dos desmandos sociais pela critica a factos ou pela reforma dos desatinos provindos de uma liberdade excessivamente abusada.

Porque, encarados por mim esses abusos da excessiva liberdade, que iam perdendo uma nacionalidade, vejo que o espirito aventureiro da época que corre proveio das intensissimas relações dos povos que diariamente transitam por todos os meios da locomoção moderna e pelo vastissimo desenvolvimento de todos os ramos do sport, fazendo de cada espirito um ousado e um destemido,

Está bem, pois, que a raça busque a rasão da sua existencia

na luta pela vida entre a oferta e a procura e entre a medição de forças, no jogo de cálculo ou de tática.

É o espirito guerreiro que de séculos vem sendo apanágio das raças, onde na deflagração vai até á violência.

De aí, surgirem, pelas graves luctas que nos mostrou a conflagração dos ultimos annos, as manifestações de religioso respeito aos vencedores em inumeros padrões de guerra espalhados pelas nossas provincias aléms.

O povo precisa de ser orientado novamente e educado num sentido superior que exalte e dignifique a Patria; naquele sentido de extensão do seu dominio como os guerreiros de outras eras, quer por terra, quer por mar.

Não na lucta de irmãos contra irmãos, cá dentro, mas na aventura da conquista pela navegação, por aqueles descobrimentos, e que foi a glória de um infante dos mais patriotas e illustres de Portugal — o geógrato D. Henrique, que em Sagres criou uma escola de heróis e tanto honra esta cidade do Porto, que lhe foi berço.

O que possuímos... o que temos... devemo-lo aos nossos antepassados.

As frotas que demandaram rotas diferentes e aportaram á Pátria finda a missão que as levava, não foi sem grande espanto de todo o mundo que em algumas brilhavam o ouro e as pedrarias de oferta a este território tão pequeno, que se tornou grandioso pela ambição do seu dominio na complicada carta da Europa e da America.

Outrora, sim! — Outrora, o espirito aventureiro da raça, que avassalava a rude gente das costas algarvias, ia mostrar á prova as façanhas da sua herculea força e bravura, buscando terras apartadas por mares desconhecidos, onde pululavam tribus selvagens para implantar um tráfico de comércio e de industria no futuro.

Jogava-se?

Sim, — jogava-se a vida na conquista de uma glória maior para a Nação, mas era contra os piratas; e desse jogo e dessa gló-

ria resultou de facto algum bem para a economia portuguesa.

As comunicações com o Oriente e o Brasil, e as explorações do nosso continente negro, dão-nos as provas mais irrefutáveis da nossa razão de vida no comércio do café, dos vinhos, da borracha, das espécies asiáticas, etc.

Essa escola de 1500, precisa de alunos formados no progresso adiantado deste século, para novas investidas.

Precisavamos muito, agora, de um D. João I e doutro Infante D. Henrique, que com as invencíveis armadas empolgaram nações bem mais poderosas que nós, tanto mais para admirar, quanto é certo que ainda devemos proclamar alto e bom som que as flotilhas foram ofertas não do Estado, mas sim particularmente do comércio das duas principais capitais do país.

A vida desportiva, hoje vastamente cultivada nas mais elevadas esferas olimpicas, dão-nos campeões formados internacionalmente...

Levem esses lutadores para uma mais alta finalidade que engrandeça e glorifique Portugal, que espera os novos «Lusiadas» do presente, tão avançado ele está nas armas e nos seus varões assinalados:—Tem «équipes» de sangue real e não uma flotilha mas uma esquadra naval a despendêr as amarras dos estaleiros mais considerados das grandes potencias.

Os louros, pois, não devem fenecer da frente dos heróis; a escola é vastissima; tem sempre disciplinas novas e novos rumos e novas modalidades de encarar a existência de um povo, que não deve cingir-se só á luta interna numa futilidade sem proveito nem glória superior...

Se os reis e os infantados acabaram, as democracias impuzeram-se!—Esse espirito democratico tem de dar as suas provas, e nós esperamos pela Nova Epopeia, porque entramos agora no concerto dos povos mais bem organizados da Europa, mercê da inteligente disciplina que ao Estado impôz o seu exército, glorioso entre os exercitos de todo o mundo, numa bem orientada ditadura imposta pela dureza da arma que impôz, sem sangue e sem guerra, o tacto politico, administrativo e económico florescente que temos observado.

Assim o esperamos.

Porto—1933. J. L.

Pasteis

sempre frescos

da «Clarinha»

Só na «Havaneza» os há todos os dias.

COLEGIO Franco-Lusitano

—DE—
ESPOZENDE

(Continuã)

VIII

Quem me dera possuir um rico vocabulario e descrever com lindas imagens e conceitos o que é este magnifico collegio! Mas, como um dos seus alunos mais antigos, eu quer, unica e exclusivamente, continuar a mostrar o que este tem sido, é e será. Como acabamos de ver, o funcionamento do collegio é esplendido.

E' digno de nota, como uma verdadeira casa de instrucção.

Agora dirijámo-nos para os abastados proprietarios do concelho e perguntemos-lhes: Qual o motivo porque não mandam os seus filhos para o collegio de Espozende? O unico do concelho e que bem precisa de que auxiliem o grande esforço que a illustre directora está a fazer? Digam. Não escondam.

Agora pergunto eu: Será a educação nas cidades proximas mais completa do que aqui?

Julgo que não, e parece-me que estou no direito de julgar que não, pois sou um estudante e tenho a obrigação de acompanhar, e de perto, todas essas variantes que existem com respeito a ensino. Será pelo facto da alimentação? Eis um ponto que eu, na qualidade de antigo aluno do collegio, defendo e quero esclarecer.

*. *. *

(Continúa)

TEOTONIO DA FONSECA

Espozende e o seu concelho

VILA CHÃ

Continuado do numero 1.282)

VIII

Vila Chã, orago São João Bâtista, era uma abadia da apresentação da Casa de Bragança.

Vila Chã ve-n do latin *vila plana*, vila plana.

Nas Inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação—«De Sancto Johanne de Vilar Plano» de Terra de Nevia.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum; que todos os que habitam nesta freguesia pagam varios fóros excepto de *quintana de Petro Caparo* e de «quintana de Gunsalo Picom»; que esta igreja tem sesmarias e é do Mosteiro de Palme, de S. Romão e de S. Paio d'Antas; tem aqui Palme 10 casais, S. Romão 3 ca-

sais e S. Paio 6 casais.

Nas Inquirições de 1258 diz-se: «Item in parochia Sancti Johannis de Vilar Chão» de que el-rei não é patrono; que dão os paroquianos cada ano a el-rei varios foros que nelas são especificados e por fim que: «vam ao Castello».

Aparece-nos nestas Inquirições o nome de *Vilarinho*.

Esta freguesia, em situação elevada, é montanhosa, estendendo-se porém a sua maior parte por uma planicie no alto do monte da Figueiró, limitada pelas cabeças dos outeiros que a cercam.

No centro dessa planicie está a sua Igreja Paroquial.

Dizem que esta, primitivamente, esteve nas Cortinhas, tendo sido mudada para o sitio onde actualmente está já ha muitos anos.

Templo modesto, de arquitetura simples, foi construido no centro de um adro, cercado por parede com duas entradas.

Por cima de uma ampla janela aberta na sua fachada, vê-se em um nicho a imagem do padroeiro S. João Bâtista, decentemente vestido, com um cordeiro sobre um livro na mão.

(Continúa)

De Espozende ás Marinhas

Eram duas menos vinte e cinco, mais ou menos, quando de passagem pela rua Direita me dirigi á estrada do norte para tomar a direcção das Marinhas. O sol começava a aquecer mais um pouco do que até aqui. Mas demeu vagar ia indo conforme podia.

De vez em quando a poeira que os automoveis levantavam era difficil de suportar. Enquanto que a poeira não passava completamente, eu não abria a boca nem os olhos. De uma das vezes cheguei a entrar por uma valeta, com o que me assustei bastante.

E nestes momentos criticos eu lembrei-me que as estradas devia n ser todas de madeira...

Fui indo, indo, até que de pois do edificio do Sindicato encontrei um grupo de garotos que com as suas mãos e bocas completamente escuras davam bem a ideia que vinham de vindimar uma propriedade alheia e que no meu modo de ver a dita cuja devia estar á margem da estrada. Continuei o meu caminho e os automoveis continuaram a massacrar-me.

Ia na altura de S. Sebastião quando olhei para traz e encontrei o meu amigo A. M. Vinha de bicicleta e todo bem enfarpe-

lado. Desceu da viatura e cumprimentou-me. Trocamos algumas palavras e depois de me oferecer o seu monoautomovel, cada um seguiu o seu caminho novamente. A's 3 e 5 passava na magnifica igreja das Marinhas. Ia agora começar a «esfolar o rabo da gata». Mas com um pouco de boa vontade lá comecei a subir a encosta do monte ingreme e com um piso detestavel. O sol rachava. Das minhas costas via se que saia um fumosinho. Era o calor que tinha aquecido a fazenda e eu que estava a ser horivelmente assado. Cheguei-me para uma sombra e o casaco começou a arrefecer mais um pouco. Nesta altura passava um rapazito todo desconfiado. Abordei-me dele e perguntei-lhe se para chegar a uma quinta que tem um caramanchão seria longe. Respondeu-me logo que não. Disse-me ainda mais. Que estava em frente á casa do rev. P.^o Eduardo Rego. Agradei-lhe a informação e continuei a galgar aquelas pedras enormes como se fosse o animal de carga. Mais adiante e dentro de um portal salta um fainito cão que serenou depois de eu lhe ter tirado uma chapelada. Fiquei a scismar no caso e nunca o contei a ninguém senão agora. A poucos passos do portão de onde o cão me tinha saído avisto a casa amarela com venesianas. Dei dois pulos no ar quando a vi, porque o meu ponto de chegada já se ia alongando muito. Pucho a corrente que tem no portal e então vejo chegar-se ao portal uma rapariga do campo, toda bem arranjada. Saudei-a. Convidou-me logo para penetrar na quinta mas eu achei por bem que fosse comunicar á sua patrão que eu estava em frente do portal, a pé, atendendo ordens. Daí a minutos vem a criada já com as respectivas ordens de entrar. Sacudo a poeira dos sapatos, dou dois esticões ao casaco; pucho o colete e acerto a gravata. Isto tudo feito enquanto o diabo esfrega um olho. Subo a estrada bem arranjada que me conduz á já mencionada casa amarela. Entrei. Cumprimentei como é muito natural duas pessoas: uma toda de preto e outra com uma camisola azul e saia preta. Começamos a trocar algumas palavras sobre vários assuntos. As perguntas que me faziam eram: «Que novidades há por Espozende»? E a estas ia respondendo como podia. Assim e com graças fomos passando uns dois a 3 minutos. Estavamos na sala de jantar. Ouço que alguém desce uma escada. Era uma filha tambem da casa, que airosa envergava uma beluza azul e branca e uma saia castanha.

Continúa a conversa. Varios

assuntos se discutem com interesse. A familiaridade existe, de maneira que cada um divaga sobre qualquer ponto. Mais uma lasca de conversa e ouço mais passos. Quem havia de ser? O. e A. Uma das pessoas que descia, ao chegar á sala de jantar e depois de conversarmos qualquer coisa começa a beber água. Oterece-me agua. Grande rizota entre as pessoas que estavam. A uma das pessoas surgiu a ideia de fazermos uma visita á quinta do Ex.mo snr. Dr. Anibal Neto. Preparativos para o dito passeio começaram a ser feitos. Partimos todos em boa harmonia e satisfeitos por estar um tempo excelente. Saímos por uma porta pequena. Caminhos de lages soltas circundavam fartos prados. Frescos ramos roçavam os nossos hombros com uma certa familiaridade e carinho. Por detrás das sebes, todas cheias de amoras, as macieiras ofereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Já nos descendo as lages lançadas nestes lugares á mercê das ondas. O acesso a quinta do Dr. Anibal ia-se tornando pouco difficil. Não por mim mas por causa de quem me acompanhava. Ao passarmos na vulgarmente chamada «Aldeia galega», naturalmente por d'ali ir muita gente para Espanha, eu notei com um certo prazer a maneira sadia como aqueles homens e mulheres que encontramos debaixo de um alpendre se divertiam. Jogavam a malha uns e outras, e outros conversavam animadamente como é costume em occasião em que não há que fazer, como aos domingos. Por detrás da capela de S. João, junto ao alpendre, vê-se uma esplanada o que O. disse parecer-se com o campo de aviação de Braga. Estavamos já muito proximo da quinta que iam visitar. Cada um ia contando a sua coisa, de maneira que o caminho por mais comprido que fosse tornava-se evidentemente curto. O meu amigo A. contemplava o mar que se via ao longe. Chegamos ao portão da quinta do sr. Dr. Anibal. Batemos delicadamente. Ninguem nos falava. Mais adiante encontramos um rapazito de cinco anos que vestia um casaco de homem. Achamos muita graça ao pequenito que nos disse estar gente dentro da quinta. Tornamos a bater. Então, depois de passados alguns segundos, sentimos que uma pessoa se aproximava do portão enorme pintado de verde. Quem havia de ser? A graciosa Prazeres, irmã do snr. Dr. Anibal. Entramos e começamos a apreciar a quinta. A apreciar o que o illustre clinico tem feito. E' uma verdadeira quinta. Não resta dúvida alguma. Visitamos tu-

do atentamente. Algumas flores trouxemos e eu de dália ao peito parecia um namorado, todo teso, que vinha da romaria. Só me faltava o caracteristico coração de dôce. Durante a volta á quinta da casa amarela, as apreciações só foram as melhores. Ao chegar cada um sentou-se onde lhe aprazia e aí nos conservamos a contar coisas e loisas, como se costuma dizer. Aproximou-se a hora do lanche. Sou convidado mas apenas me foi possível tomar um copo de água das «Pedras Salgadas» por me encontrar mal do estômago. Durante o lanche Os conta o conto da «Flauta da Morte» com o qual fiquei imensamente maravilhado. Acabado o lanche resolvemos subir aos moinhos da Abilheira. Eram seis menos um quarto quando começamos a escalar o monte. A agua corria vertiginosamente pelo caminho que tomamos. De vez em quando O. e A. dava o seu escorregão. Não admirava, o piso era pessimo. Mesmo com o mau caminho, nós subiamos regularmente.

Espertos regatos fugiam, rindo com os seixos; grossos ribeiros saltavam com fragor de pedra em pedra; e muitas fontes postas á beira de veredas jorravam por umas bicas, beneficemente, á espera dos homens e dos gados. Assim, vagarosamente e maravilhados chegamos acima da casa dum tal «Chino». Trepavamos então a encosta do monte com dez ou doze casebres sumidos entre figueiras, fugindo do lar pela telha vã o fumo branco e perfumado das pinhas. Depois a apreciarmos a grande quantidade de água que corria por entre salgueiros magnificos, descemos a encosta e só paramos no portão da casa amarela. Eram seis e meia quando me despedi da distincta familia que acabava de visitar e pesaroso deixava todo aquele lugar saudavel para vir para Espozende.

E assim se passou uma tarde na mais completa das felicidades.

Domingos Gomes.

«A Internacional»
Carreira de camionete

Os serviços de passageiros e recovagens desta antiga e conceituada carreira entre Espozende —Porto, a cargo do habil e conhecido chauffeur Domingos Ferreira, ficam estabelecidos de hoje em diante DIARIAMENTE, excepto aos DOMINGOS, saindo d'Espozende ás 7 horas da manhã e do Porto ás 17 horas.

Preferir esta carreira é ter a certeza de uma viagem cómoda, rapida e vantajosa.

Tinta de marcar roupa—a melhor que há—Vende-se nesta redacção.

DIARIAMENTE
Para o conseguir basta V. Ex. a habilitar-se, comprando na Casa **HAVANEZA** desta vila, um vigéssimo para a Lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Esta casa tem distribuido e continuá a distribuir pelos seus estiuados clientes varios prémios semanalmente. Além de varios numeros de grande palpíte tem esta casa todas as semanas o numero 4903 que é o seu numero certo
Preço de cada vigéssimo **9\$00**

Pelo telefone ou pelo correio peça amostras para confrontar preços de
LANTERNAS
homem e senhora
AMANCIO SILVEIRA
TRAVESSA GRANDE HOTEL, 28
PORTO
Telefone 2028

MARINHAS, 9

Com aquela resposta da «Cruzada» não contavam eles!

Parabens ao seu auctor, pois desnecessario será dizer o seu nome, porque todos o conhecem. Mas dizia alguém. Tanto o snr. Portela como o suposto auctor da local no «Cávado» são pessoas católicas e de qualidade. Eu tenho a dizer que, quanto a catolicos, está provado o seu catolicismo; e quanto a pessoas de qualidade, não merecem atenções, quando as não ha para Deus. Também ha catolicos á sua moda. Até essa entrou no catolicismo. Valha-nos Deus! Trabalhem todos pela bôa causa, não andemos a semear a sizania no nosso campo, porque isso está ao cuidado do demónio. Mas por mais que nos esforcemos... os loquitur, ex abundancia corde.

—Aos 86 anos de idade, trocou esta vida por outra melhor o snr. Antonio Moreira, (o Mirrano) de Rio-de-Moinhos. Que Nosso Senhor o tenha em eterno descanso.

—Recebeu o baptismo uma filhinha—ha tanto tempo desejada—do nosso amigo José Monteiro e Maria Faria Enes. Esta encontra-se um pouco incomodada.

—Tambem receberam o ba-

ptismo um filhinho do snr. Serafim Faria Enes e outro do snr. Victor Fernandes Ribeiro.

—Encontra-se tambem encomodado dos pés, (não foi por os molhar) motivo porque anda apoiado a um pé de couve, o nosso amigo Manuel Couto André, (o Biribi). Desejamos-lhe rápidas melhoras. C.

M. Boaventura

De passagem para a sua casa de Suzão, (Palmeira) esteve nesta vila este nosso querido amigo, apreciado escritor e digno inspector da região escolar de Leiria.

A pesca da lampreia

Os donos das pesqueiras do Cávado, nos limites de Barcelos, enviaram um telegrama ao snr. Ministro do Comércio pedindo urgentes providencias sobre a regularização da pesca da lampreia na respectiva foz, ou seja em Espozende, conforme a reclamação ao mesmo titular enviada.

Registo Predial

Foi colocado, nesta camarca, como conservador do Registo Predial, o snr. dr. Manuel Vaz de Souza Bacelar Teles.

Espectaculo

Consta-nos que brevemente subirá á scena, no nosso teatro, o drama sacro intitulado «A Morte de Abel», em um prologo e quatro actos, ornado de 20 numeros de musica.

Este spectaculo será promovido pela Escola Dramatica Beneficente de Alvelos, com um conjunto de bons amadores, sob a direcção do sr. Constantino Moreira, director da Escola Dramatica Musical de Aguas Santas, (Ermezinde).

Abrilhanarão o spectaculo chistosas comedias musicadas, assim como tercetos, cançonetas, duetos, etc. etc.

E' oferecida á direcção do «Espozende Sport Club», a primeira representação deste drama. E' em seu beneficio, e a direcção do Club deve aceitar a proposta.

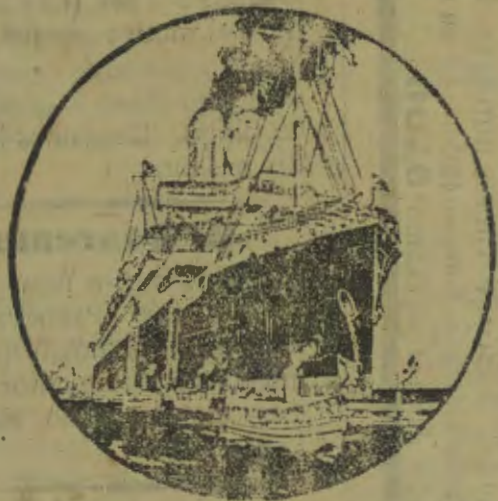
BINOCULO PRISMATICO
«ZEISS»

Vende-se um, quasi novo. Quem o pretender pode dirigir-se á nossa tipografia onde se mostra, para examinar e saber o custo.

VALORES SELADOS

Encontram-se na Havaneza, Fernando Evangelista e Eugenio Reis, desta vila.

MALAREALINGLEZA



Paquetes correlos a sahir de Leixões

Da ro em 28 de Abril para Rio de Janeiro e Motevideu Buenos-Ayres

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

Highand Monarch em 8 de Março para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres

HIGHLAND BRIGADE em 25 de Janeiro para Las Palmas Santa Cruz de Teneriffe Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos-Ayres

Arlanza em 12 de Março para a Madeira, S. Vicente, (C. V.) Pernambuco Baia, Rio de Janeiro, Santos Montevideu e Buenos Aires.

Desna em 1 de Março para Rio de Janeiro, Santos Montevideu e Buenos Aires

Highland Patriot em 8 de Março para Las Palmas, Santa Cruz de Tenerife Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires.

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D HENRIQUE.—PORTO

ou aos seus correspondentes nas provincias.

Padaria e Biscoitaria Mecânica

DE

JOÃO LUIZ FERRE RA

RUA D. DIOGO PINHEIRO, N.º 1 e 3

RUA BAPJONA DE FREITAS, N.º 48 e 56

RUA BOM JESUS DA CRUZ, N.º 2 e 4

BARCELOS

Neste estabelecimento, dos mais bem montados do Norte do País, encontrará o publico á venda a especial REGUEIFA (rosca), PÃO COADO, PÃO DE MILHO, PÃO DE TRIGO E PÃO DOCE, bem assim como um variado sortido de bolachas e biscoitos, tosta doce e azeda, etc. etc.

No seu proprio interesse, ninguem compre sem confrontar a qualidade e os preços dos productos fabricados neste estabelecimento.

TALHO "FLOR DA AVENIDA,"

Rua 1.º de Dezembro (em frente á Avenida Valentim Ribeiro)

ESPOZENDE

Fornece carnes verdes de boi, vaca, vitela, cabrito e carneiro, diariamente.

O seu gado é escrupulosamente escolhido por fornecedores entendidos.

Divisa da casa:

«Servir bem, sem olhar a quem»

O proprietario **Manoel José de Carvalho.**

Farmácia Costa

(Antiga Farmacia Central)

RUA 1º DE DEZEMBRO — ESPOZENDE

Directora tecnica—D. Rosa da Fonseca Aleixo

(Licenciada em Farmacia)

Depois duma grande transformação reabriu ao publico esta antiga e acreditada farmacia onde se encontra grande sortido de productos quimicos e farmaceuticos

Aviamento de receitauario medico, com todo o escrupulo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Curativos e injecções.—Preços modicos.

Preferir esta farmacia é ter a certeza de ser bem servido em preços e qualidades

PORTVCALE

REVISTA BIMESTRAL ILUSTRADA DE CULTURA LITERARIA SCIENTIFICA E ARTISTICA
Dirigida por Augusto Martins, Claudio Basto & Pedro Vitorino e colaborada pelos melhores Escriutores portugueses

Contém: Literatura; Critica; Humorismo; Etnografia; Filologia; Arqueologia, Historia; Arte; Educação Ensino; Filosofia; Bibliografia; Informação literaria e scientifica, tanto nacional como estrangeira. Publica Inéditos; trata de Monumentos, Museus, Quadros; Artistas e Escriutores, reúne materiaes etnograficos versa, com particular atenção, nossa Lingua (Português pratico, Problemas de portugûes Linguagem tecnica: médica botânica zoológica, quimica, fisica, etc. Estuda a Terra, o Povo, a Lingua de Portugal, e regista o labor literario scientifico e artistico de seus Homens e Academias.

Publica-se em Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro, e Dezembro de cada ano, por fasciculos de 64 paginas em geral.

PREÇOS

Assinatura (por anc):	
Portugal continental e insular	15\$00
Colonias Portuguezas	25\$00
Brasil	10\$000 reis
Hespanha	20\$00
Outros paises	L. O. 6. 0

Pagamento adiantado. Muito nos obsequiará o Assinante remetendo directamente á Administração, em carta registada ou cheque, a importancia de sua assinatura, com o que poupará despezas escusadas e nos evitará ás dificuldades de cobrança.

Numero avulso—Preço variavel dependente do numero de paginas.

Redacção e Administração — Rua dos Martires da Liberdade, 178, PORTO Portugal
Telefone 2798